

AMOSTRA GRATUITA

Ouviram do Ipiranga

Independência ou Morte

Esta é uma amostra do material completo.

O material completo possui 51 páginas e traz a história da Independência do Brasil de forma envolvente e interativa para crianças, com:

- O conto "Laços de fitas" de Viriato Corrêa
- Linha do tempo ilustrada dos acontecimentos
- Atividades (caça-palavras, labirinto, desenho, colagem)
- Depoimentos históricos do 7 de setembro
- Letra do Hino da Independência
- Explicação da bandeira do Império
- Sugestão de atividade com fitas verdes
- QRs codes para músicas e vídeos

Esta amostra contém a capa, créditos, introdução, o texto completo de "Laços de fitas", parte da linha do tempo e algumas atividades iniciais.

Material criado por Valéria de Maceno
Capa por Gisele Daminelli

Todos os direitos reservados © 2023
Proibida a reprodução sem autorização.

Para adquirir o material completo, entre em contato com a autora.

Ouviram do Ipiranga



"VIVA A INDEPENDÊNCIA E A SEPARAÇÃO DO BRASIL.
PELO MEU SANGUE, PELA MINHA HONRA, PELO MEU DEUS, JURO PROMOVER A LIBERDADE DO BRASIL.
INDEPENDÊNCIA OU MORTE!"

FRASE HISTÓRICA DE D. PEDRO I, EM 7 DE SETEMBRO DE 1822, ÀS 16:30HS.



Esse material foi criado por

Valéria de Maceno

Capa

Gisele Daminelli

É proibido reproduzir, publicar ou distribuir, por qualquer meio, todo ou parte desse conteúdo.

Art 184 do código penal e lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

VALÉRIA DE MACENO

2023



“Pedro, se o Brasil tiver de se separar, antes seja para ti, que me hás de respeitar, do que para qualquer um desses aventureiros.”

Dom João VI





Nas próximas páginas, vamos ler o texto Laços de fitas, retirado do livro Terra de Santa Cruz (páginas 73 a 78) de autoria de Viriato Corrêa.

Para a comemoração da Independência do Brasil, sugiro como atividade, colocar o distintivo de fita verde em cada criança, como feito por Dona Leopoldina, nossa Imperatriz.

Você pode assistir a apresentação do material no vídeo abaixo:

https://youtu.be/MvBw9j0nw3s?si=O0UV2_wri-FGiJTA

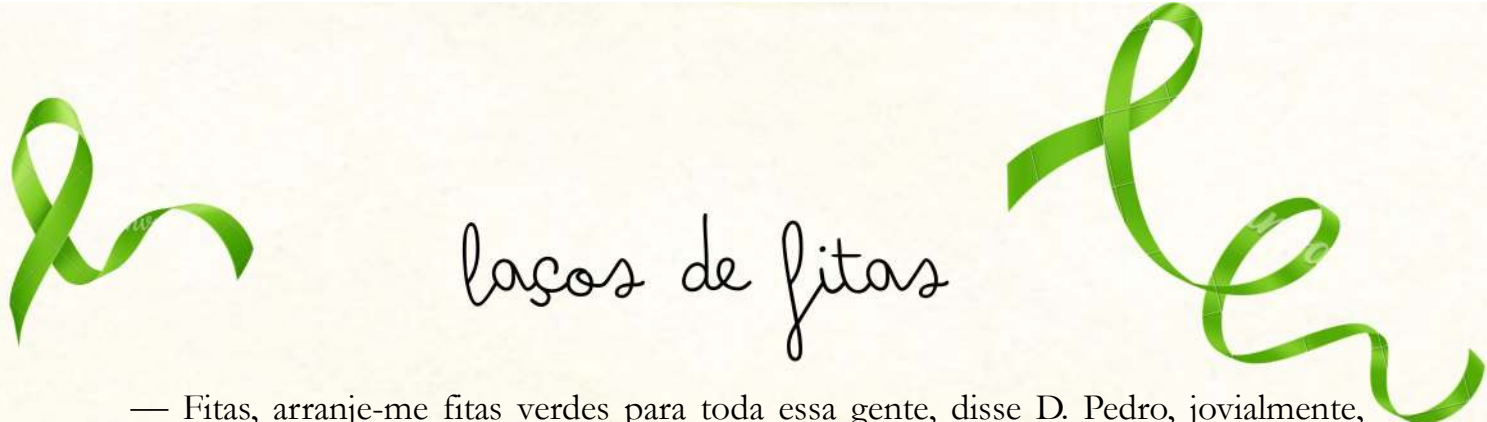


Que Deus abençoe esse estudo, e que seja divertido e produtivo.

Valéria de Maceno

@casamaceno





— Fitas, arranje-me fitas verdes para toda essa gente, disse D. Pedro, jovialmente, tocando no ombro de dona Leopoldina.

— Vou busca-las.

E, risonha, a princesa deixou o grande salão borborinhante em caminho da alcova.

Naquela noite, a 14 de setembro de 1822, o palácio de São Cristóvão estava num prurido febril de festa e novidade.

Ao escurecer, D. Pedro havia voltado de São Paulo, e, como por milagre, a cidade inteira soube que, nas colinas do Ipiranga, dera o grito de Independência.

Aquilo estalara na cidade como uma bomba. Os salões da Boa Vista encheram-se num momento. Os grandes vultos da propaganda correram a ouvir do próprio príncipe, os pormenores do gesto emancipador.

D. Pedro, com uma alegria de rapaz, e aquelas maneiras democratizadas dos seus momentos de júbilo, contava a sua grande revolta ao receber, de Paulo Bregaro*, o correio que José Bonifácio lhe enviara com as notícias das cortes de Lisboa; o seu movimento imediato em arrancar do chapéu o tope português, gritando “Independência ou morte”; os transportes da comitiva ao ouvir o brado libertador; a marcha galopante para São Paulo; os delírios do povo paulista, naquela mesma noite, no teatro da Opera; o hino escrito por ele próprio e entusiasticamente cantado pela plateia; os vivas do padre Ildefonso Xavier*, aclamando-o rei do Brasil, enfim, a sua viagem para o Rio, vitoriado por toda a parte.

A fisionomia dos patriotas fulgurava.

José Bonifácio envolvia-o num olhar de ternura emocionada. Gonçalves Lêdo*, nervoso, agitado, movia eloquentemente o braço, a cada passagem vibrante da narrativa. Frei Sampaio devorava-o, com o olhar em fogo. Cunha Barbosa* esticava-se nas pontas dos pés, a mão ao pavilhão da orelha, para ouvir melhor. Nobrega* veio colocar-se mais perto para não perder uma palavra da narrativa. José Clemente*, calmo, com aquele ar de serenidade inalterável, de quando em quando traía-se por um fulgor mais vivo dos olhos. Não havia quem não sentisse, naquele instante, um grande fogo na alma.

A princesa voltou com as mãos cheias de fitas verdes.

D. Pedro tomou um dos laços da mão da esposa, oferecendo-o a José Bonifácio.

— Foi a cor que escolhi para a nossa bandeira, - o verde. Ponha o laço no braço.

Dona Leopoldina começou a distribuir as fitas. Todos se curvaram respeitosamente.



Entre a figura serena da princesa e a figura vibrante do príncipe, havia uma diferença profunda no desenrolar daquele movimento político de emancipação. Dona Leopoldina era a amiga incondicional do Brasil. Desde o primeiro momento da propaganda se colocara espontaneamente a favor da independência. Enquanto D. Pedro, aquele cabeça de vento, ora bandeirava para um lado, ora para o outro, ora cedendo às exigências de Avilez* e da divisão portuguesa, ora tendo gestos imprevistos de simpatia pelos brasileiros, ela com uma ternura religiosa pelo país em que lhe nasceram os filhos, esteve sempre ao lado da grande aspiração política do Brasil.

A vitória dos campos do Ipiranga era principalmente dela, da sua habilidade, da sua candura, do seu coração arrastando o príncipe leviano e estourado, para o feito tão alto.

Todos, que ali estavam, sabiam do papel que ela tivera.

A cena de quatorze dias atrás era conhecida nas suas minúcias. O ministério de José Bonifácio tinha-se reunido para conhecer das exigências das Cortes de Lisboa. Essas exigências eram tão prementes, que só um golpe de independência poderia resolvê-las. O velho Andrada conclui pela separação definitiva do Brasil de Portugal e todos, inclusive a princesa, aplaudem a decisão. É preciso mandar um emissário a D. Pedro, em São Paulo. Paulo Bregário* é chamado. José Bonifácio entrega-lhe os papéis, recomendando:

— Se não arrebentar uma dúzia de cavalos, no caminho, nunca mais será correio; veja o que faz!

E, quando o oficial vai montando para partir, dona Leopoldina assoma às escadas de pedra do palácio, detendo-o com um gesto:

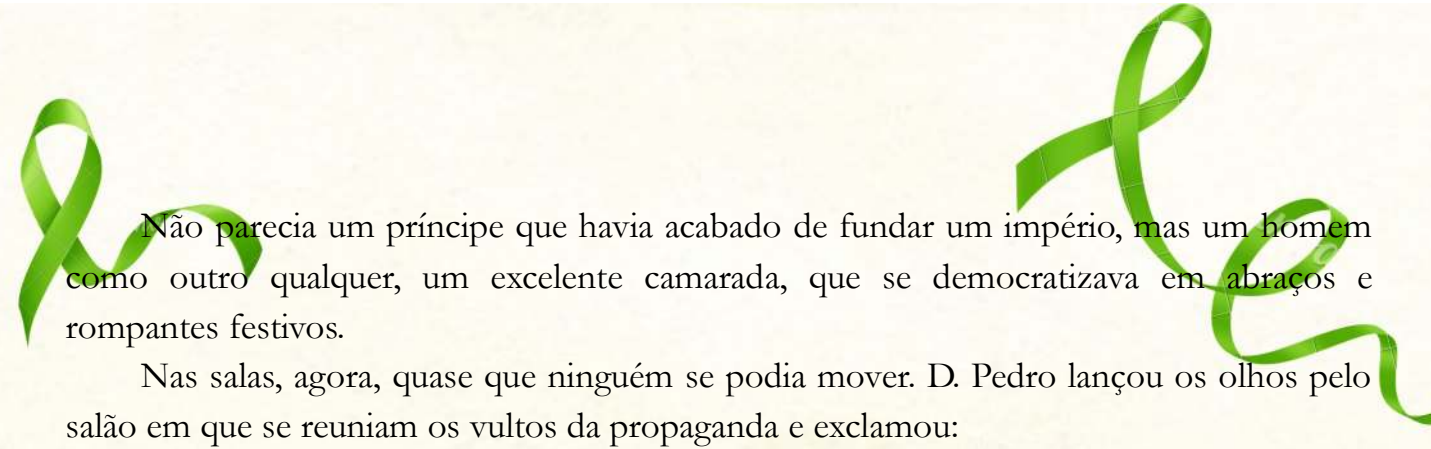
— Falta ainda isto.

É a sua carta, carta escrita pela sua própria mão, dirigida ao marido, pedindo-lhe que fizesse imediatamente a Independência do Brasil.

Os salões continuavam a encher. A todo momento carros paravam no pátio do palácio.

A noite estava fria. Chuviscava. Pelas janelas via-se o clarão longínquo da cidade que começava a iluminar-se festivamente.

D. Pedro passeava pelo salão. Estava de uma alegria esvoaçante. Ora passava os braços aos ombros de José Bonifácio, ora aos de Golçalves Lêdo, ora ia conversar com frei Sampaio, ora atender a reverência de um patriota que entrava.



Não parecia um príncipe que havia acabado de fundar um império, mas um homem como outro qualquer, um excelente camarada, que se democratizava em abraços e rompantes festivos.

Nas salas, agora, quase que ninguém se podia mover. D. Pedro lançou os olhos pelo salão em que se reuniam os vultos da propaganda e exclamou:

— Mas nem todos tem o distintivo da Independência!

E, com a jovialidade dos seus vinte e quatro anos, voltou-se para a esposa, num movimento de intimidade encantadora:

— Os laços foram poucos. Não haverá mais fitas verdes no palácio?

Dona Leopoldina sorriu. Chegou-se-lhe até perto e disse-lhe baixinho, aos ouvidos:

— Não há.

Mas segue imediatamente em rumo da alcova. Abre as gavetas do primeiro móvel, remexe-as. Não há fitas, abre outras gavetas, e mais outras, e mais outras. As fitas que encontra não são da cor do distintivo.

E vai sair e fechar a porta, quando os seus olhos se voltam para a sua larga cama estendida no quarto. Os grandes travesseiros de cambraia estão enfeitados de fitas verdes. Aproxima-se, e nervosamente, arranca as fitas, uma por uma, pedaço a pedaço, sem deixar um só.

E entra no salão com uma alegria de criança, segurando a mão do marido:

— Arranjei as fitas.

Há uma exclamação de contentamento em toda a sala. Com um leve tom de rosa no rosto a princesa murmura:

— Tirei-as dos travesseiros de minha cama.

Num movimento instintivo toda a gente baixa respeitosamente a cabeça, numa reverência de profunda emoção. Que alma maravilhosa a daquela que amava tanto o Brasil, a ponto de o ligar candidamente a intimidade recatada dos travesseiros de sua cama!

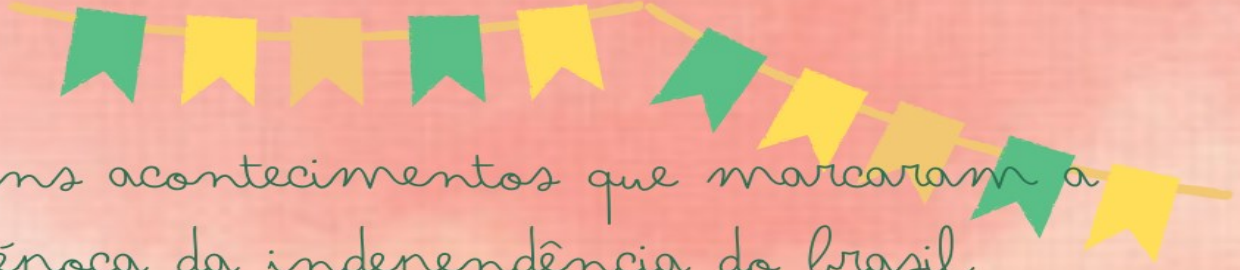
Ninguém se sente com ânimo de merecer tão alta honra. Há um ligeiro silêncio, uma ligeira indecisão.

Antônio Menezes de Vasconcellos Drummond avança um passo. Dona Leopoldina oferece-lhe um laço de fita. Ele beija-o, num respeito comovedor:

— Obrigado, majestade!

Era verdade. Ninguém se havia lembrado que já não mais estava ali a archidukeza d'Astria, e sim a soberana do Brasil.

E todos avançam. Dona Leopoldina distribui as fitas. A cada laço que entrega um beijo estala, o beijo da ternura, o beijo da gratidão, a única e a mais bela homenagem que os patriotas podiam, naquele momento, prestar aquele imenso coração de mulher.



alguns acontecimentos que marcaram a época da independência do Brasil

1798

Em 12 de outubro, D. Pedro nasce no palácio de Queluz, no mesmo quarto em que haveria de morrer 35 anos mais tarde

1801

Morre D. Antônio, primogênito de D. João VI; com isso, Pedro passa à condição de herdeiro do trono português

1808

A corte portuguesa de D. João chega ao Brasil fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte, que invadira Portugal

Em Viena, Ludwig van Beethoven faz a primeira apresentação de sua *Quinta Sinfonia*

1814

O México torna-se independente da Espanha

Simón Bolívar, “O Libertador”, ocupa Caracas, capital da Venezuela

1815

D. João promove o Brasil à condição de Reino Unido com Portugal e Algarves

Tropas britânicas comandadas pelo duque de Wellington derrotam Napoleão na Batalha de Waterloo

1816

A Argentina declara sua independência da Espanha

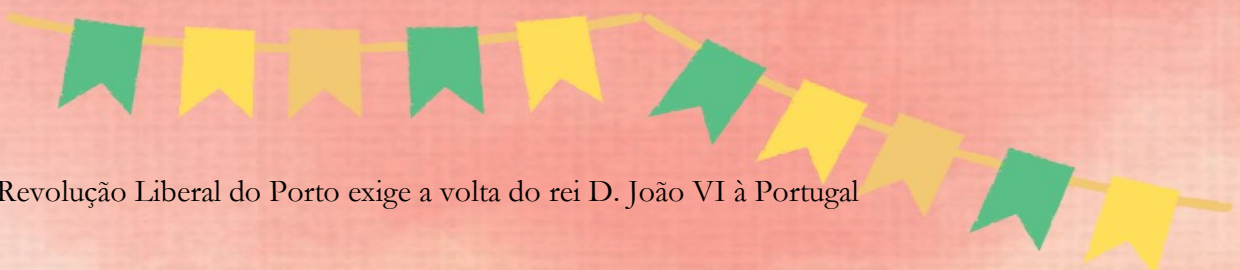
1817

Revolução republicana é sufocada por tropas de D. João VI em Pernambuco

1819

Primeiro navio a vapor a cruzar o Atlântico, o *Savannah* viaja dos Estados Unidos à Inglaterra em 26 dias.





1820

A Revolução Liberal do Porto exige a volta do rei D. João VI à Portugal

As cortes portuguesas são convocadas para redigir uma nova constituição e limitar o poder do rei

1821

O inglês Michael Faraday inventa o motor elétrico

D. João VI e a família real retornam à Lisboa depois de 13 anos no Rio de Janeiro

D. Pedro é nomeado príncipe regente do Brasil

Napoleão Bonaparte morre na ilha de Santa Helena

As cortes portuguesas exigem a volta de D. Pedro à Portugal

Por decreto das cortes, a administração do Brasil é dividida em juntas provinciais que se reportam à Lisboa

Peru e Panamá se tornam independentes da Espanha

1822

A 9 de janeiro, “Dia do Fico”, D. Pedro anuncia a decisão de permanecer no Brasil, contrariando as ordens das cortes portuguesas

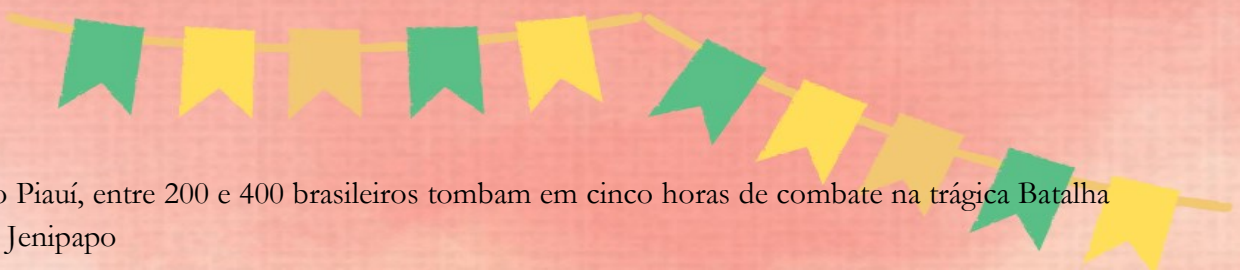
Em fevereiro, começa a Guerra da Independência na Bahia

A 7 de setembro, nas margens do riacho do Ipiranga, D. Pedro proclama a Independência do Brasil

Em 1º de dezembro, D. Pedro I é coroado imperador do Brasil



The illustration at the bottom right depicts the historical scene of the Proclamation of Independence of Brazil. It shows Emperor D. Pedro I on a horse, holding a sword aloft in his right hand, surrounded by other figures in period clothing. The background features a stylized landscape with rolling hills and a winding path.



1823

No Piauí, entre 200 e 400 brasileiros tombam em cinco horas de combate na trágica Batalha do Jenipapo

Em 2 de julho, os portugueses são expulsos da Bahia

A 12 de outubro, a assembleia constituinte, convocada no ano anterior, é dissolvida por D. Pedro I

1824

Ocorre em Portugal a Abrilada, golpe contra D. João VI tramado por sua mulher, Carlota Joaquina, e seu filho, D. Miguel

D. Pedro I outorga a primeira constituição brasileira, uma das mais liberais do mundo na época

A confederação do Equador, revolução liderada por Pernambuco, é derrotada pelas tropas do império.

1825

Frei Caneca, líder da Confederação do Equador, é executado no Recife

Inaugurado na Inglaterra o primeiro trem de passageiros

Portugal reconhece a Independência do Brasil

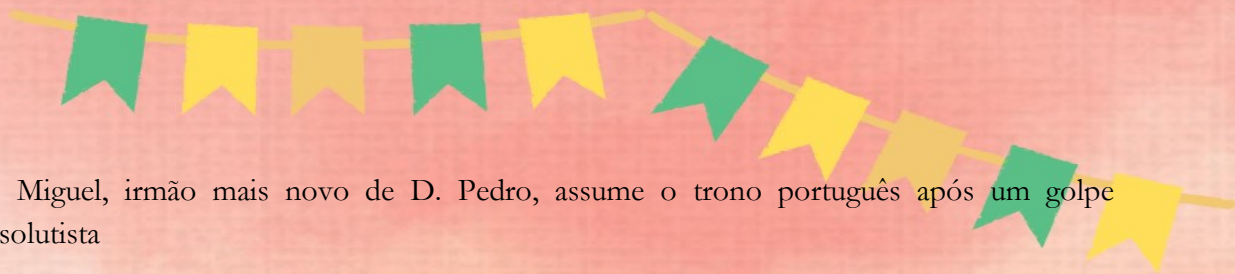
1826

Após a morte de D. João VI, o imperador D. Pedro I do Brasil assume o trono português por uma semana com o nome de D. Pedro IV

Morrem em Viena os compositores Ludwig van Beethoven e Franz Schubert

Morre no dia 11 de dezembro, aos 29 anos, a imperatriz D. Leopoldina





1828

D. Miguel, irmão mais novo de D. Pedro, assume o trono português após um golpe absolutista

A província Cisplatina se torna independente do Brasil com o nome de Uruguai

1829

D. Pedro casa-se em segundas núpcias com Amélia de Beauharnais, princesa da Baviera

1830

Revolução em Paris: o rei absolutista Carlos X foge, o liberal Luís Filipe assume o trono

O escritor francês Stendhal publica *O vermelho e negro*, sua obra-prima

1831

D. Pedro abdica o trono brasileiro e retorna à Europa

1832

D. Pedro desembarca na cidade do Porto à frente do exército liberal e é cercado pelas tropas do irmão D. Miguel

O escritor Goethe morre no ano da publicação do segundo volume de *Fausto*, sua obra-prima

1833

O francês Louís Braille desenvolve uma nova forma de escrita pela qual os cegos conseguem ler

1834

A assinatura do Tratado de Monte Évora põe fim à guerra civil portuguesa, vencida pelos liberais de D. Pedro

D. Pedro morre no palácio de Queluz deixando como sucessores em Portugal a filha Maria da Glória, coroada como D. Maria II, e no Brasil, o filho Pedro de Alcântara, que subiria ao trono em 1841 como D. Pedro II





A história que vamos aprender aqui, aconteceu de verdade, há duzentos anos! É a história de um príncipe, nascido em Portugal, vindo ainda criança para o Brasil. Seu nome é Pedro de Alcântara Francisco Antônio Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, gostava de brincar de espadas e montar a cavalo. Assim como seu pai, Pedro tocava diversos instrumentos musicais como violino, flauta, clarineta, fagote e muitos outros, e era também compositor.

Quando Dom Pedro chegou no Brasil, tinha nove anos, mesmo ano em que Beethoven fez a apresentação da *Quinta Sinfonia*. Vamos apreciar a música, enquanto ouvimos mais um pouco da história.



Dom Pedro não era o filho mais velho de Dom João, ele tinha um irmão chamado Dom Antônio que morreu ainda na infância. Assim, Pedro passou a ser o herdeiro legítimo do trono português.

Chamamos os membros da família real ou imperial de Dom porque Dom vem do latim *dominus*, em português significa senhor, dono ou mestre.

D. Pedro brincava de espadas e tocava violino.

Desenhe aqui, seu instrumento favorito, ou a sua brincadeira preferida





Até 1815, o Brasil mandava tudo o que produzia para Portugal, que lá comercializava e administrava tudo. Com a chegada da família real, e com a Corte aqui instalada, D. João VI promove o Brasil à condição de Reino Unido com Portugal e Algarves. Fomos elevados a reino! Os portos foram abertos e daí em diante, o Brasil jamais voltaria a ser colônia.

Já sabemos que em janeiro de 1822, D. Pedro disse que ficava no Brasil. A corte exigia o retorno dele à Portugal, para fazer do Brasil o que fora antes. Nosso príncipe ficou. Sempre se correspondendo com o pai, lhe colocava a par de tudo que se passava.

Chegou uma carta à D. Pedro, ordenando sua volta para Portugal e a prisão de José Bonifácio, e ele respondeu:

Digo a essa cáfila sanguinária, que eu, como príncipe -regente do reino do Brasil e seu defensor perpétuo, hei por bem declarar a todos os decretos pretéritos dessas facciosas, horrorosas, maquiavélicas, desorganizadoras, hediondas e pestíferas cortes, que ainda não mandei executar, e todos os mais que fizeram para o Brasil, nulos, írritos, inexecutáveis, e como tais com um veto absoluto, que é sustentado pelos brasileiros todos, que unidos a mim, me ajudam a dizer: “De Portugal nada, nada; não queremos nada”. Se esta declaração tão franca irritar os ânimos desses luso-espanhois, que mandem tropa aguerrida e ensaiada na guerra civil, que lhe faremos ver qual é o valor brasileiro.

Não havia alguém melhor preparado, e com maior coragem do que nosso príncipe. Seu pai, enviou um mensageiro secreto ao Brasil, para tratar com D. Pedro sobre assuntos de Portugal e para fazer saber dos rumos do reino do Brasil. A separação dos reinos era próxima, e os dois já sabiam.





Caça Palavras

J Z X R X J B P R Í N C I P E
I N D E P E N D Ê N C I A R S
H Y R X T B K R P Z R K Z B N
F P F D G C T W E S P A D A S
P E D R O D X J Y F H K N F J
S F P T R O N O Y M K J O Ã O
R V W F R E I N O Y N R Y W F
C W H Q Z V P M D W W F Y B B
O M A J E S T A D E P Q T P N
R D C C C H P L B V G Z G N H
O Y N R T Z I M P E R A D O R
A Z D C M B J P Y M Z K K W V
G N G L P Y V D T N D K R Y Q
Y T R S X R M P O R T U G A L
W Z G V V B R A S I L W G G V

Reino
Imperador
Portugal
Majestade
independência
Espadas

Príncipe
Pedro
trono
coroa
Brasil
João





José Bonifácio era formado em direito, filosofia e matemática. Aluno brilhante, ganhou uma bolsa para estudar química e mineralogia em outros países europeus. Estava em Paris quando testemunhou o furor da Revolução Francesa, e mais tarde lutou contra as tropas de Napoleão Bonaparte quando em 1808 invadiram Portugal.



Como mineralogista descreveu 12 novos tipos de rochas, uma delas a petalita, seria usada em 2008 para tornar os fornos micro-ondas mais eficientes e econômicos. Foi homenageado em 1868 pelo cientista americano James Dana que descobriu uma nova rocha e a batizou de andradita.

Bonifácio era quatro anos mais velho do que o rei de Portugal, D. João VI, e tinha idade para ser pai de D. Pedro. Quando o príncipe nasceu, já era um dos cientistas mais respeitados e admirados da Europa.

Você não imagina o grande papel desse homem na história do nosso país, sem ele, o Brasil de hoje provavelmente não existiria.

Em 3 de abril (cinco meses antes do grito do Ipiranga) D. Pedro escreveu à Bonifácio:

“...Não tenho a recomendar-lhe atividade por conhecer que nela me é igual...”

“Deus lhe dê anos bastantes de vida para de comum acordo comigo acabarmos a grande obra começada e que com a sua cooperação espero acabar”

Ele se tornou amigo de Leopoldina com quem dividia os mesmos interesses por artes e ciências. A princesa disse que José Bonifácio era um ministro fiel e o maior dos amigos.

Dois dias depois do Dia do Fico, Bonifácio foi nomeado ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros, permanecendo no cargo por dezoito meses. Nenhum outro homem realizou tanto em tão pouco tempo.

O príncipe o visitava diariamente, sem marcar ou anunciar reunião. Quando tinha algum assunto para discutir, montava a cavalo e saía rumo à casa do ministro.





Quando não existiam telefones e computadores, as pessoas escreviam cartas. Hoje através da tecnologia, as mensagens chegam instantaneamente, mas nos tempos de Pedro, as notícias chegavam a navio.

Vamos levar o navio até o porto para entregar a correspondência:

